

RESENHA

RIBEIRO, Francisco C. **A literatura policial de Patrícia Galvão: um estudo histórico de seus contos como King Shelter**. São Paulo: e-Manuscrito, 2022.

Bruno Miranda Braga¹



10.23925/2176-4174.v3.2024e68722

Recebido em: 15/10/2024.

Aprovado em: 16/10/2024.

Publicado em: 17/10/2024.

As especialidades na literatura: leituras, histórias e ambivalências de uma Pagu misteriosa

Há textos que já nascem com o crédito de “clássicos”, há textos que se tornam “clássicos”, e há textos que aclamam o “clássico”. O livro ora resenhado, se classifica, me atrevo a dizer nas três categorias apresentadas. Sem demagogia da minha parte, a convivência com o autor, Francisco C. Ribeiro quer seja nas dependências da PUC-SP, quer nas convivências em nosso Núcleo de Estudos em História Social das Cidades, o NEHSC, me faz ver este texto como uma simbiose entre clássicos. Por quê?

A erudição do autor em tratar um tema de relevância e constante atualização em meios historiográficos contemporâneos que é a literatura, bem como a forma organizacional, e lógica de sua pesquisa/escrita, faz com o que o leitor adentre a um texto histórico que em nada parece ofuscar a prazerosa leitura literária.

¹ Doutor em História Cultural (PUC-SP). Mestre em História Social (UFA). Faculdade Católica do Amazonas. Membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7000-2456> E-mail: brunomirandahistor@hotmail.com

Se a escrita histórica pode (e deve como afirmam alguns) se inspirar na escrita e no gênero literário, o autor parte de uma premissa que atende bem os parâmetros de sua linha de pesquisa e de sua área temática que é justamente o encontro e a relação entre história e literatura. Pensar assim a escrita da história tomando a literatura como fonte e molde e um desafio ao historiador cultural.

Ainda na celeuma da história cultural, cresce agora de acordo com a pesquisa de Valdeci Rezende Borges (2010) à atenção dada na diversidade de textos para pensar sua escrita e leitura. O referido autor, embasado em Georges Duby, considera que a história cultural “estuda, dentro de um contexto social, os “mecanismos de produção dos objetos culturais”, entendidos em sentido amplo e não apenas obras, literárias ou não, reconhecidas ou obscuras, e autores canônicos”. (BORGES, 2010. p. 94), ela destaca, os mecanismos de produção de objetos culturais como suas intenções, dimensões estéticas, a intertextualidade, os diálogos... e nisso, vemos a relevância do livro que estou a resenhar.

Pensar os mundos que a autora criou, e as ideologias que ela estava imersa, levaram o autor Francisco Ribeiro a nos brindar com um texto que parte de uma premissa biográfica, histórica, intertextual e estilística, e mais: nos apresenta nuances quase que “privadas” de uma personalidade pública, ou muito conhecida em outros nichos que era a Pagú do Modernismo Paulista.

Nisso, teoricamente podemos do ponto de vista teórico-metodológico destacar em esquema a obra nos seguintes trânsitos:



A obra assume assim essas três dimensões que a minha leitura ora se apensam, ora se espalham sem nunca fugirem de uma lógica que engloba aquilo que se quer narrar, historicizar. O método rigoroso do autor deixa que o leitor se aguçe em querer conhecer mais sobre a obra bem como sobre a vida da autora. E isso tudo, inserido na discussão sobre os hábitos de leitura.

No eixo histórico, o autor apresenta-nos todo o cenário da vida e da obra de Patrícia Galvão, como se fossem “fases” de uma mesma vida. Prova disso é que o primeiro capítulo é todo dedicado a apresentação da autora pesquisada, suas diferentes ações em sua vida, desde menina, até sua atuação na militância política.

Ainda no sentido histórico, Francisco Ribeiro nos apresenta como a literatura é fonte ao historiador, e nos aponta suas escolhas e seus aparatos teóricos, destaco que em momentos se torna confundível de maneira positiva a relação do autor com a fonte, e sua relação enquanto leitor e admirador do gênero literário, é como nos lembra Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard (1995, p. p. 08, 09), que a leitura tem uma história e uma sociologia, nesse sentido, se torna necessário “reconstruir as competências, as técnicas, as convenções, os hábitos, as práticas próprias a cada comunidade de leitores (ou leitoras). Deles depende também a significação que, em determinado momento ou lugar, um “público” pode atribuir a um texto.”

A literatura enquanto fonte histórica, revela-nos versões e sociabilidades que a narrativa histórica as vezes pode perpassar sem ser visibilizada. Pensar no uso das literaturas enquanto base para a análise histórica exige um trato peculiar como toda fonte histórica detém, nesse escopo, Francisco nos apresenta inclusive uma proposta metodológica para uma tipologia muito específica que é a literatura policial, essa acredito é uma das principais novidades e contribuições que essa obra nos dá.

No campo biográfico Francisco nos apresenta importantes nuances colocando seu livro como uma necessidade àqueles que desejam maiores aprofundamentos sobre a vida de Patrícia Galvão.

As vivências e experiências da autora, nos mostra como se davam para além das questões temáticas de suas obras, as sociabilidades, os antagonismos da vida, e a semântica do texto-contexto. Por essa ótica, o autor ao analisar a vida da Pagú faz algo parecido com a proposta de Roger Chartier quando o teórico nos diz:

(...) de modo durável – e paradoxalmente – a história do livro separa o estudo das condições técnicas e materiais de produção ou de difusão dos objetos

impressos e a dos textos que eles transmitem, considerados como entidades cujas diferentes formas não alteram a estabilidade linguística e semântica. Há na tradição ocidental numerosas razões para essa dissociação: a força perdurável da oposição, filosófica e poética, entre a pureza da ideia e sua corrupção pela matéria, a invenção do copyright que estabelece a propriedade do autor sobre um texto idêntico a si mesmo, se já qual for seu suporte, ou ainda a definição de uma estética que considera as obras em seu conteúdo, independentemente de suas formas particulares e sucessivas. (Chartier, 2002. p. 62)

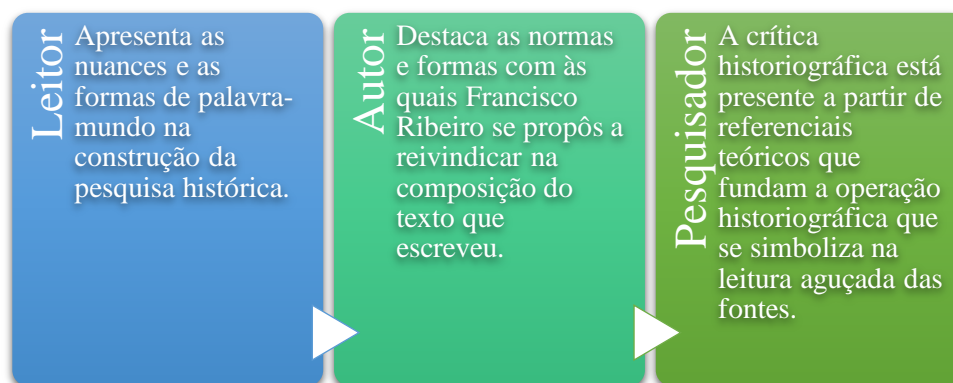
Dessa maneira, podemos observar um sentido estético, uma maneira de narrar particular a autora e suas peculiaridades tanto na leitura de mundo, sentido holístico da conjuntura, como no sentido interior e produção de sua escrita. Essa estética é descrita por Francisco como sendo “gênero policial”, nas palavras do autor, esse gênero, é:

taxado de literatura de massa, a ficção criminal já sofreu diversas ameaças de assassinato por parte da crítica literária. Acusada de irrelevância estética, entretenimento banal e distração ligeira, ficou encarcerada por anos na cela do "gênero menor". Desfrutando, porém, de uma imensa popularidade diante das mais diversas camadas sociais, tem conseguido, paulatinamente, o respeito e o reconhecimento artístico a que tem direito. (p. 85)

Na dimensão crítico-literária, Francisco nos apresenta uma análise estilística que concerne ao produto-produtor, no caso produtora do escrito. O texto dos seus contos policiais com o pseudônimo de King Shelter, mostra-nos as aspirações da autora que negocia com a arte de narrar, a criatividade, a crítica social, e como afirmam alguns autores/teóricos como uma psicologia da sociedade em que está inserida.

A análise literária apresentada por Francisco Ribeiro nesta obra nos brinda com deliciosas novidades tanto no tocante à leitura da produção da Pagú - King Shelter, quanto nas possibilidades de regimes de historicidade e de como o historiador cultural assume funções semânticas tomando diferente corpus de análises como “mesa de trabalho”.

Dividida em cinco capítulos, a obra nos apresenta em perfeita resolução a leitura, ou melhor, as leituras que tanto o autor quanto o leitor podem extrair da narrativa produzida por King Shelter. A relação entre história e literatura e sua fronteiriça gama de narratividade é um dos pontos chave dessa obra, na qual Francisco Ribeiro intensifica sua relação-ação enquanto sujeito leitor/autor/pesquisador.



Nesses eixos, o autor desenvolve uma pesquisa de leitura profunda, mas transmite ao leitor de maneira clara e facilitada. Enquanto leitor, Francisco Ribeiro, afirma que contatou muito cedo como se dava a formação de uma crônica, especialmente de uma crônica policial, quer fosse na história vivida (quando no início do texto o autor nos apresenta quando ainda na infância “contatou um crime ocorrido”, quer na história narrada, os contatos com os programas de televisão, os noticiários; isso fez possivelmente, aguçar no autor ora resenhado um interesse no assunto, e, o mesmo engendrou pela pesquisa histórica na busca daquilo que mais lhes despertava atenção nas sociedades em temporalidades: a narrativa sobre crimes, o romance e a literatura policial.

Enquanto autor, vemos no livro o interesse latente em reivindicar os fatos humanos pelas literaturas, tomando a literatura enquanto fonte. Francisco mergulhou a fundo em busca da autora, traçando diferentes informações sobre a vida e obra, dramas e alegrias da Patrícia Galvão, ao ponto de o autor fazer a seguinte afirmação sobre o seu trabalho:

A pesquisa acadêmica que ora se apresenta pretende demonstrar que Patrícia Galvão, enquanto King Shelter, por meio de seu olhar literário, visando à construção do estético, apresentou, em seus contos, as tensões sociais que caracterizam a sociedade burguesa de sua época. Sem se acomodar simplesmente nas regras da literatura policial. Galvão assimilou antropofagicamente seus elementos, ressignificando-os por meio de suas personagens e criando singularidades híbridas sem cair no lugar-comum das adaptações convencionais. Assim, mesmo não tendo criado uma linguagem estética inovadora nem revolucionado as regras básicas do gênero, ela soube adaptar-se para transmitir seus conceitos artísticos e pressupostos ideológicos. (p. 19)

Nesse sentido, a pesquisa apresentada no livro transitam diferentes versões da produção literária de Patrícia Galvão enquanto King Shelter: uma mulher que não quis u tentou revolucionar a escrita do gênero, antes disso, quis mostrar, transmitir como diz Francisco Ribeiro, sua concepção de arte, e de ideologia política, não esqueçamos, e o próprio autor nos deixa sempre conectados, ao universo ideológico que Patrícia estivera envolvida: foi casada com Oswald de Andrade, fez parte do Movimento Modernista Paulista e ainda foi ligada as atividades do Partido Comunista, assim, sua escrita traz essas e outras marcas, enquanto autora policial.

A pesquisa mostra assim a postura de um leitor/historiador que teve sua formação escriturística inspirado a decifrar as “artes de narrar”. Francisco apresenta-nos um importante diálogo com expoentes da metodologia histórica do uso da literatura enquanto fonte, e forma de diálogo ao historiador. Sandra Pesavento (2006) nos propõe que a literatura é uma fonte especial e privilegiada para o historiador, porque lhe dá acesso ao imaginário, proporcionando pistas, traços e uma leitura plural decorrente de sua linguagem polissêmica, metafórica, sensível e sensibilizadora.

A literatura é narrativa que, de modo ancestral, pelo mito, pela poesia ou pela prosa romanesca fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica. Por vezes, a coerência de sentido que o texto literário apresenta é o suporte necessário para que o olhar do historiador se oriente para outras fontes e nelas consiga enxergar aquilo que ainda não viu. (PESAVENTO, 2006. p. 22).

A literatura assim utilizada nessa obra pelo seu autor é entendida como uma fonte para o historiador, no qual se exerce um diálogo intenso no qual as vanguardas literárias buscam olhar a um movimento externo para creditar um interno, o sentido de “vontade de verdade” que Koselleck (1989) deu ao termo.

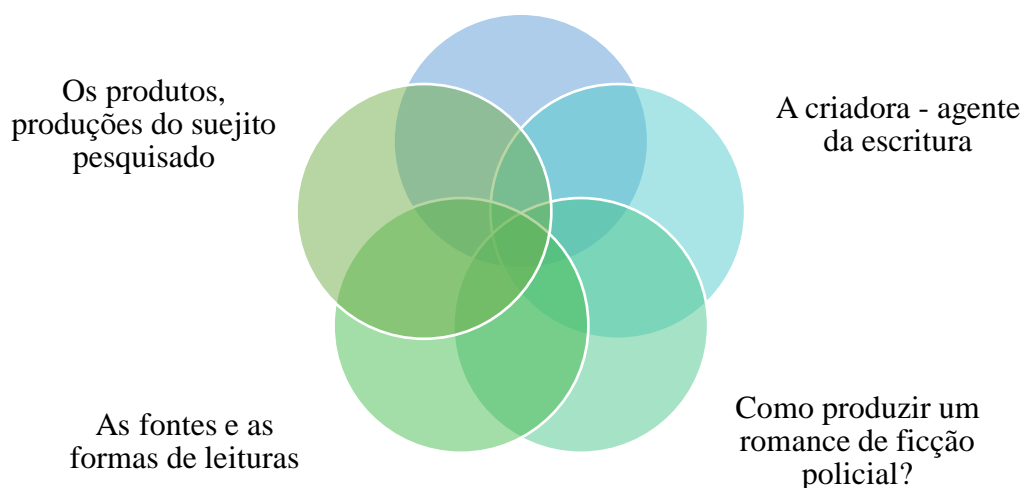
Sendo assim, a literatura possibilita pistas ao historiador que absorve pela contradição do vivido a sensibilidade do escritor. A literatura assim é não um reflexo, mas uma refração do vivido, ela não é técnica, embora tenha, ela é arte, e a arte ilustra valores de uma cultura, e não confirmações.

Passo agora a uma leitura mais interior a obra de Francisco Riberio. O livro, reitero, é fruto de sua pesquisa para a tese doutoral, parte de uma ótica interior a História Cultural tendo as sensibilidades, as visões de mundo e a questão estética textual como ponto primevo. Na obra vemos como os embates políticos e sociais

forma retratados pelas mãos e mente de King Shelter, sem est abolir a mão da autora, Patrícia Galvão.

Ao longo dos cinco capítulos que compõe esse livro, vemos o desenrolar de uma trama histórica no qual o autor a agente, suas ações, suas ficções e interseções, e seus produtos. por fim, a obra é coroada com as considerações finais que mostram e partem do poder argumentativo de Francisco Ribeiro enquanto historiador, e leitor aguçado.

A literatura policial de Patrícia Galvão - King Shelter

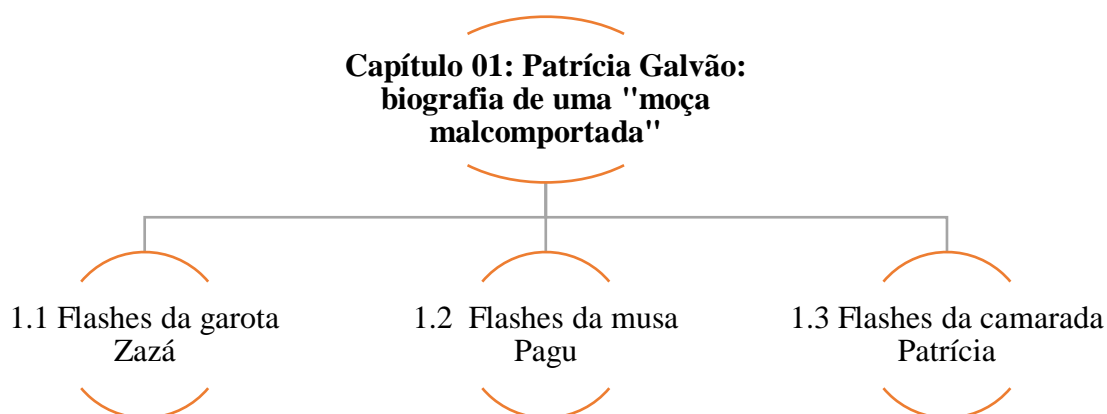


Esses quatro eixos permeiam os capítulos que compõem a obra, e assumem uma espécie de função semântica e estilística que interpelam, o gênero literário e a historiografia. Assim sendo, a obra bem como a tese defendida pelo autor é repleta de signos no qual podemos considerar também que o autor se insere na vertente da história da literatura ou da produção literária, nisso, Roger Chartier considera:

Uma história da literatura é, pois, uma história das diferentes modalidades da apropriação dos textos. Ela deve considerar que o 'mundo do texto', usando os termos de Ricoeur, é um mundo de objetos e de performances cujos dispositivos e regras permitem e restringem a produção do sentido. Deve considerar paralelamente que 'o mundo do leitor' é sempre aquele da 'comunidade de interpretação' (segundo a expressão de Stanley Fish) à qual ele pertence e que é definida por um mesmo conjunto de competências, de normas, de usos e de interesses. O porquê da necessidade de uma dupla atenção: à materialidade dos textos, à corporalidade dos leitores (CHARTIER, 2002, p. 255, 257).

Francisco Ribeiro faz isso: considera o mundo do texto criado por Patrícia Galvão com o pseudônimo de King Shelter e apresenta-nos por sua análise os objetos, os símbolos, e as ações do mundo criado pela mente da autora. Vemos as performances, as vidas e lidas dos personagens que de maneira idiossincrática se aglutinam com a mente do historiador que passa a construir regimes de historicidade.

Passemos a uma breve apresentação dos capítulos. O capítulo 01 – Patrícia Galvão: biografia de uma “moça malcomportada”, tem a seguinte composição:



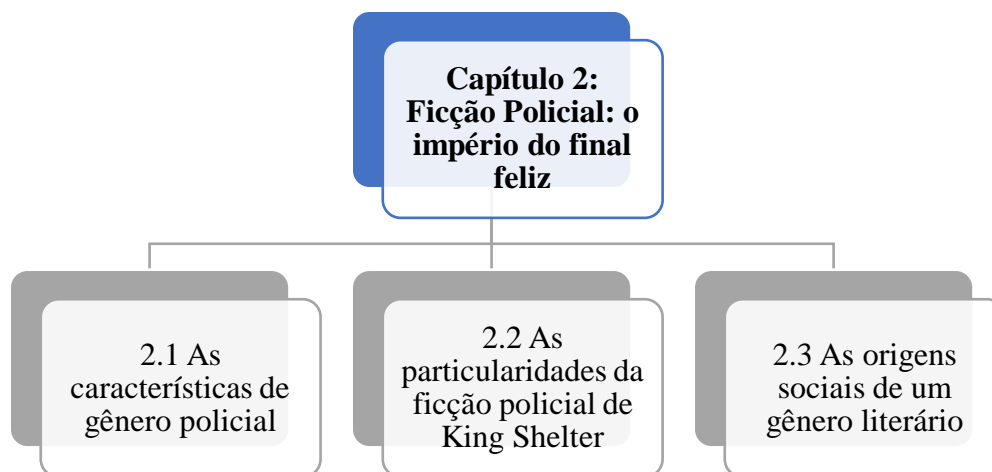
Nesse capítulo temos não uma uníssonas, mas uma dissonância da vida de Patrícia Galvão. De maneira muito didática e elucidativa, Francisco nos brinda com uma feliz e argumentativa biografia da vida de Pagu, desde seu nascimento e infância como menina Zazá, passando pela jovem modernista Pagu, até a mulher militante Patrícia. Na construção da narrativa da obra, Francisco Ribeiro apresenta-nos as ambiguidades da vida da autora pesquisada. A ideia de “moça malcomportada” presente no título do capítulo destaca uma quebra de paradigmas de um lado a mulher, icônica, e de outro o cânone que se estabeleceu desta mesma mulher: modernista, revolucionária, ideologista. Uma dissonância entre a beleza e a personalidade da mesma mulher. Nas palavras do autor:

Desde criança, Patrícia Galvão se destacou por sua evidente beleza e por sua destemida personalidade. Foi com esses dois atributos, devidamente afirmado e reconhecidos reiteradamente ao longo do tempo, que construiu sua imagem de “musa do Modernismo brasileiro”. Hoje, esse “mito Pagu” original continua a ser alimentado através das novas leituras, imagens e representações em mídias modernas como o cinema, a música, a televisão e enredo de escola de samba. O nome “Patrícia Galvão” também se tornou uma “marca” para designar organizações como o Núcleo de Estudos de Gênero

Pagu (UNICAMP), o Centro de estudos Pagu (UNISANTA) e da ONG Instituto Patrícia Galvão de proteção dos direitos da mulher. Mobilizando em especial a reflexão em torno das questões de gênero, Patrícia Galvão tem transitado com desenvoltura tanto no pop quanto no acadêmico, fato inimaginável na época em que Cândido Portinari, entre linhas e sombras, a eternizou como mus do Modernismo. (p. 39)

Nesse capítulo vemos o “nascimento da pessoa, da artista, e da mulher revolucionária”, Pagu, e como sua vida pessoal conturbada, e cheia de situações moldou a sua produção literária, logo, como nos mostra o autor, é grande paetê da Pagu antropofágica, e militante marxista que será presente na sua ficção policial.

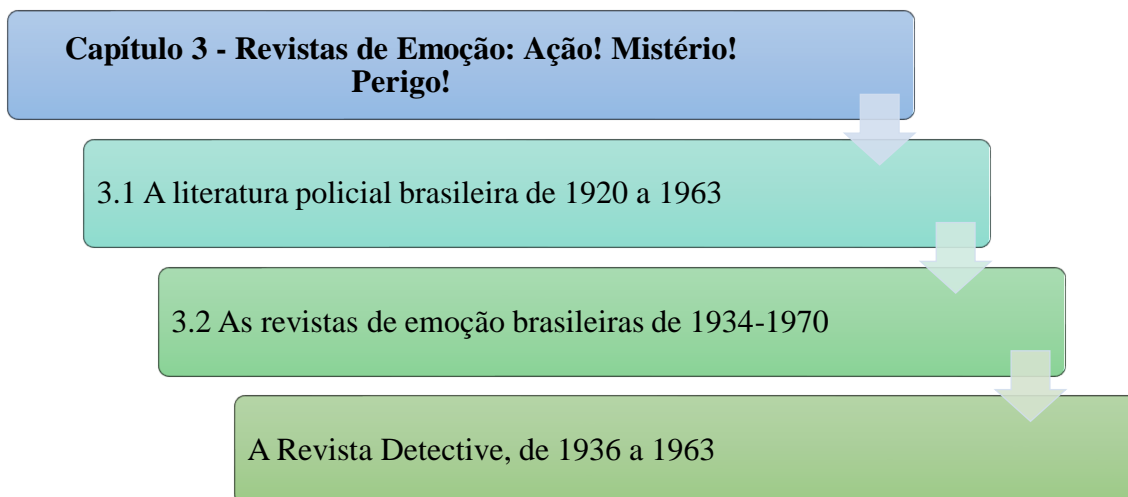
No Capítulo 2 – Ficção Policial: o império do final do feliz, está organizado da seguinte forma:



Sem dúvidas esse capítulo é de uma importância enorme uma vez que o autor nos dá luzes sobre como se estrutura semanticamente e estilisticamente um texto literário de ficção policial. Caracterizado como [...] literatura de massa, a ficção criminal já sofreu diversas ameaças de assassinato por parte da crítica literária”, nesse sentido, o autor destaca como ao longo da tradição literária o estilo foi acusado e apresentado como irrelevante do ponto de vista estético, sendo um “entretenimento banal e distração ligeira, ficou encarcerada por anos na cela do “gênero menor”, que teve por outro lado uma imensa popularidade diante das mais diversas camadas sociais, tem conseguido, paulatinamente, o respeito e o reconhecimento artístico a que tem direito”. (p. 85)

O capítulo é permeado por uma leitura aguçada e perspicaz sendo de muita utilidade para o aprofundamento do tema e das questões postas.

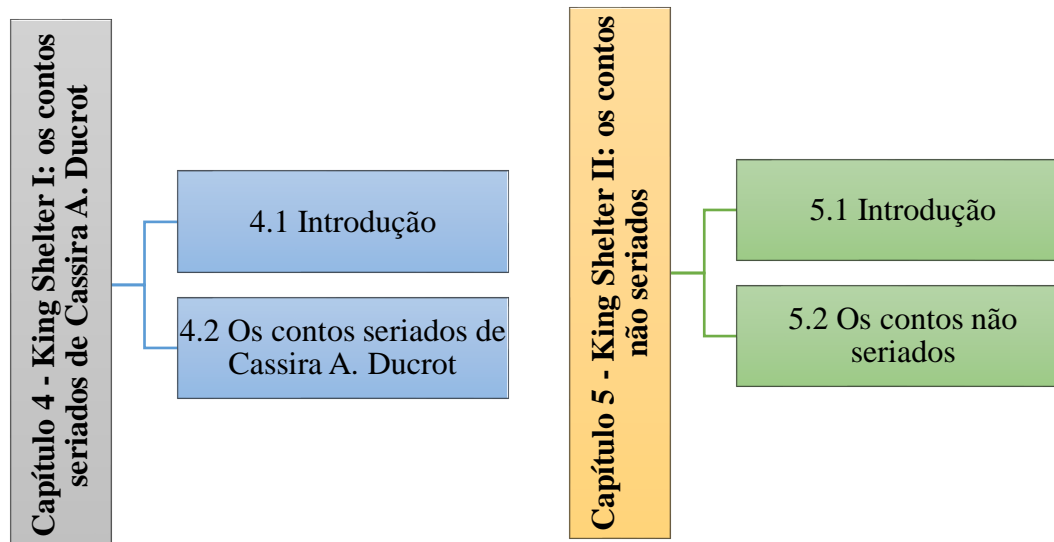
O capítulo 3- Revistas de Emoção: Ação! Mistério! Perigo! está composto da seguinte maneira:



Na minha leitura, esse capítulo foi revelador: por um lado me apresentou em todo seu contexto variedades de escrita literária proporcionando-me conhecer mais sobre o que faz a literatura em suas diferentes vertentes, por outro lado, a pesquisa do autor nos apresenta produções literárias num período da história do nosso país que temos tanto já publicado, mas o autor nos mostra a sua novidade, e a sua inovação aqui a destacar de início os anos 1920 para além do Modernismo Paulista no sentido da Semana de 1922, a década de 1930, período do Getulismo para além das questões políticas, até o início dos “anos de chumbo”, para além do golpe de 64. Francisco Ribeiro se insere nesses acontecimentos da nossa história, não os ignorando, mas apresentando mais coisas, propondo com seu corpus de análises verificar as sensibilidades, e a efervescência que lidava cotidianamente nas páginas literárias.

É fecundo a discussão e incremento sobre a literatura policial brasileira, o autor fez questão de arrolar nomes de autores, tradutores, nomes de revistas do gênero, e mais, como o público recebia essas literaturas, se eram bem aceitas. Destaca-se nesse capítulo a reprodução das capas de diferentes escritos literários, é possível verificar nisso a sensibilidade, e abrir a possibilidade de diferentes discussões a partir do posto nesse texto. Destaco ainda por exemplo, as leituras dessas capas contida nas páginas 168 e 169, temos um significativo exemplo de história cultural em diálogo, nessas duas páginas, o que suscita num autor futuro se embasar e aprofundar a questão da imagética nas revistas de ação.

Nos dois últimos capítulos, o autor se volta para a leitura, análise e apresentação de sua principal pesquisada: King Shelter, os capítulos 4 e 5 estão organizados da seguinte maneira:



A epítome da obra, sem dúvidas e a relevante contribuição do autor a história cultural e o uso da literatura como fonte histórica. A divisão de um tema comum em dois capítulos, elucidando os contos que seguem uma sequência no capítulo 4 e os “soltos” não sequenciados no capítulo 5 destaca uma “variedade cultural”, no sentido que Peter Burke deu a frase, e de forma capciosa o autor facilita ao leitor encontrar as nuances das duas maneiras que a “mão da escritora” quis nos passar.

Nesses capítulos, o autor nos mostra como Patrícia Galvão desenvolveu sua literatura policial, como ela “desenhou mundos” e ampliou o gênero, o autor destaca ainda em estilo comparativo quem possivelmente inspirou os contos de King Shelter, quem possivelmente Pagu leu para traduzir culturalmente a sua literatura. Ademais o autor adentra na exploração do texto e do contexto produzido, não cabendo a mim escrever aqui sobre, criar um *spoiler*, porém, deixo meu convite ao leitor, a leitora a descobrir essa história, ou essas histórias que Patrícia Galvão escreveu, e que Francisco Ribeiro tão bem aqui evidenciou a nós!

Referências citadas:

BORGES, Valdecir Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 94–109, 2014. Disponível em:

<https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28658>. Acesso em: 8 out. 2024.

CHARTIER Anne-Marie e HÉBRARD, Jean. Discursos sobre a leitura —1880-1980. São Paulo: Ática, 1995.

CHARTIER, Roger. “A Mediação Editorial”, In: CHARTIER, Roger. *Os Desafios da Escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre, RS: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

KOSELLECK, Reinhart. Linguistic change and the history of events, *The journal of Modern history*, Vol. 61, No. 4 (Dez., 1989), p. 649-666.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha-nova História. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Orgs.). *História e literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: